

Seqüestro

Sr. diretor: Não poderia deixar de parabenizar a magnífica e corajosa atuação da equipe de VEJA, responsável pela cobertura dos acontecimentos relacionados com o vergonhoso seqüestro de Porto Alegre (n.º 537/538). Não é possível que autoridades do Uruguai acalentem esperanças de que o governo brasileiro tolere incursões ilegais em seu território com a finalidade de seqüestrar exilados aqui residentes, em total desrespeito às normas diplomáticas. Ou então, o que é sumamente mais grave, que as autoridades brasileiras, além de tolerarem esse tipo de ação, ainda colaborem com a mesma. Para nós, brasileiros confiantes nas promessas de nosso governo em relação ao processo de redemocratização do país, este possível raciocínio das autoridades de Montevidéu ofende a inteligência e consciência do povo e fere o princípio máximo da soberania nacional. Parabéns pelo excelente editorial. Parabéns a Luís Cláudio Cunha pela reportagem e pelo trabalho de investigação, e a Dirceu Brisola pelo luminar artigo. Jornalismo desse porte é que nos faz orgulhosos de sermos leitores e assinantes de VEJA.

Dorian de Andrade Lemos
Recife, PE

Afonso Arinos

Sr. diretor: Era de se supor, pelas leis da dinâmica, que regem também os mecanismos do cérebro humano, uma ponderável evolução do pensamento político do senhor Afonso Arinos. Contudo, pelo visto nas páginas amarelas de VEJA n.º 537, o notável jurista retrocedeu e nada pode acrescentar ao importante debate político que se trava nesta época em todo o país. Quanto à opinião do senhor Arinos, segundo a qual os socialistas brasileiros cabem todos dentro de um jipe, considero-a uma piada desprovida da menor qualidade e própria de um elemento da extinta confraria udenista.

Paulo Babbitonga
Porto Alegre, RS

Sr. diretor: Li e reli a entrevista com o senhor Afonso Arinos, homem culto e erudito, mas ideologicamente um "liberal-burguês", que se preocupa "tão-só com a carreira dos filhos". Não podemos nos esquecer que o senhor Afonso Arinos aceitou o pedido do senador Petrônio Portella para o projeto das reformas que entrarão em vigor em janeiro. Isto posto, peço licença para lembrar ao erudito senhor Afonso Arinos que, segundo Martin Heidegger, o homem cai duas vezes no mundo: a primeira ele não escolhe — não pediu para nascer; a segunda delibera voluntariamente a escolha

do seu destino. Por isso, sugiro, com o devido respeito, a leitura ou releitura de Heidegger no original alemão (o professor Hermes Lima lia os autores alemães no original). Ainda tenho a esperança de que o senhor Afonso Arinos se preocupará menos com a carreira dos filhos, após essa leitura ou releitura, porque a população-vítima do sistema capitalista não é ideologicamente liberal-burguesa.

Antônio de Assis Nogueira Júnior
São Paulo, SP

Ponto de Vista

Sr. diretor: Realmente é de suspeitar das intenções de VEJA em buscar a verdade dos fatos, quando na seção "Ponto de Vista" as pessoas se revezam, normalmente, defendendo os mesmos pontos de vista. Já se tornou insuportável ler artigos em que o senhor Roberto Campos defende a política econômica dos governos pós-"revolução". Dois pontos a destacar no último artigo: 1) quando o referido senhor fala de "democratização das oportunidades", me parece que ou está há muito tempo em Londres e passou a confundir países, ou suas intenções também não são tão claras como se pode querer demonstrar; 2) quando cita a figura do "Criador", me parece que ainda não passou do catecismo da primeira comunhão — ou, de novo, suas intenções seriam outras que não as do "Criador"; ou, quem sabe, não é do mesmo "Criador" que estamos falando.

Américo Tristão Bernardes
Porto Alegre, RS

AI-5

Sr. diretor: Em VEJA n.º 536 fala-se na extinção do AI-5 e que o mesmo já vai tarde. O que seria do nosso país se não fosse a coragem do ex-ministro Gama e Silva e do ex-presidente Costa e Silva em assinar o tal ato? Fala-se também na volta de brasileiros corruptos, com idéias esquerdistas, como é o caso do senhor Leonel Brizola. Eu não acredito que o futuro presidente, general Figueiredo, concorde com a volta de subversivos.

Cristovam Gomes Lopes
São Luís, MA

Sr. diretor: Sou pela volta do senhor Leonel Brizola. Acho que, se não houver anistia ampla a partir de janeiro, os seus amigos brasileiros deveriam formar uma comissão de homens leais e buscá-lo.

Raul Belém
Porangatu, GO

Sr. diretor: A cada número de VEJA tenho constatado que aumenta o destaque dado a velhos subversivos, a começar pelo co-

munista Leonel Brizola. Até quando o governo permitirá esse uso irresponsável da liberdade de expressão?

Virmond Teres
Brasília, DF

Roberto Carlos

Sr. diretor: Roberto Carlos é o maior ídolo musical brasileiro de todos os tempos. Parabéns a Regina Echeverria pela excelente reportagem (VEJA n.º 537).

Euriques Fernandes Carneiro
Feira de Santana, BA

Sr. diretor: Simplesmente lamentável a capa e tantas páginas para promover um mesquinho comerciante que não pensou duas vezes para vender até Cristo em 33 rotações.

Gildo Francisco Filho
Poços de Caldas, MG

Sr. diretor: Sensacional "A brasa ainda mora". Roberto Carlos ainda é o rei.

Vania Vasconcellos
Rio de Janeiro, RJ

Sr. diretor: VEJA jamais devia jogar confete nesse bajulador da repressão e da exceção. O verdadeiro Roberto Carlos — cafona, alienado — deveria, isto sim, ser reduzido às suas reais dimensões.

Agostinho Tomás Bezerra
João Pessoa, PB

Natal

Sr. diretor: Hoje, 24 de dezembro, ao ler o ensaio "O vazio do Natal", tocou-me profundamente a observação do jornalista Renato Pompeu. Achei excelente.

Mattosalem Nunes da Silva
Barão de Cocais, MG

Sr. diretor: "O vazio do Natal" mostra a realidade da festa natalina em nossos dias.

Romero Sial
Recife, PE

Gustavo Dahl

Sr. diretor: Lamentável a declaração do senhor Gustavo Dahl (VEJA n.º 536), admitindo ter esbofetado um estudante por este haver detectado em seu filme "O Bravo Guerreiro" idéias fascistas. Talvez o cineasta/burocrata ignore que a intolerância é uma característica do fascismo.

Carlos Daconti
Olinda, PE

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA. Caixa Postal 2372, São Paulo, Capital. Por razões de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.